

Almeida Faria

O CONQUISTADOR

prefácio de  
Pedro Eiras

ASSÍRIO & ALVIM

Acreditei durante muito tempo ter vindo ao mundo de um modo diferente de toda a gente. Foi minha avó Catarina — e as avós nunca mentem — quem me meteu esta ideia na cabeça. Costumava contar-me que, num dia de inverno, de manhã cedo, apesar do nevoeiro, o faroleiro João de Castro tinha ido à praia da Adraga apanhar polvos, quando deu comigo metido num ovo enorme, com a cabeça, as pernas e os braços de fora.

Como testemunhas presenciais, minha avó citava um cavaleiro maneta, mestre equestre, que para ali ia montar acompanhado pelos seus três peões de brega, recrutados entre os mais aparvalhados das aldeias. Eles e o faroleiro assistiram estremunhados ao estranhíssimo espetáculo. E os cinco disputaram entre si quem iria ficar comigo. A meio da discussão foram atacados por uma cobra-marinha que me guardava. Mas João de

Castro, com a lança que lhe servia para espetar os polvos entre as rochas, cortou à cobra monstruosa a cabeçorra diabólica, assim conquistando o direito à minha posse.

Este faroleiro, de aqui em diante meu pai, vivia com a mulher, Joana Correia de Castro, no cabo da Roca, e por não terem filhos lhe interessava ficar com o enjeitado, quase normal uma vez saído da casca. E lá me levou, ora ao colo ora às costas, por atalhos e a corta-mato, até às pedregosas alturas da Roca, na esperança de não encontrar ninguém mais, para não ser obrigado a explicar quem era a criança a chorar esfomeada. Nunca na vida meu pai dementiria a sogra, que não lhe perdoava a pobreza nem o ter-lhe roubado a única filha, três vezes mais nova que ele. E Joana, minha mãe para todos os efeitos, deve ter gostado desse filho-mistério que primeiro a assustou porque tinha seis dedos no pé direito, e logo a comoveu por vir roxo de frio, mal embrulhado numa capa impermeável.

Por muito que meus pais receassem irritar os ânimos difíceis de Catarina se pusessem em causa o seu relato, não compreendo que o não fizessem mais tarde, caso fosse outra a verdade. Sempre subscreveram a versão da minha avó, e aos poucos me acostumei a ser uma ave rara.

Na véspera do meu nascimento caíra sobre a serra de Sintra a tempestade mais tremenda de que as pessoas se lembram. A aurora chegara enrolada em nimbos baixos, tão carregados de cúmulos em forma de couve-flor de chumbo, que nunca, em muitos anos de embarcado, meu pai observara tal espessura de nuvens, tal secura de trovões confirmando o rifão: se trovão seco no céu reboa, tempo violento nos apregoa. João de Castro era um repositório destas regras rimadas, de teorias proverbiais com que explicava as estranhezas que rodearam o dia memorável: relâmpagos ao norte e vento forte, se do sul vem, chuva também. Mas não foi chuva o que veio, foi uma catarata caída do firmamento, um entornar de aéreas águas sobre a terra e o mar já inchado do furor das vagas. O horizonte desapareceu completamente, uma escuridão de estanho esfumado avançara dos lados do Norte de África à velocidade de um tornado, atroando tudo com o barulho de todos os bombos e tambores do universo. Minha mãe garantia que três vezes a terra tremera. E o meu sisudo pai, com o seu fraco por filosofar, opinava que naqueles momentos a serra era um ventre de grávida percorrido pelos abalos que antecedem o

parto. Uns uivos surdos, curtos, seguidos de outro mais demorado, desvairaram os animais das vizinhanças, lançaram o pânico entre os humanos que viram telhas e tetos abrindo, paredes estalando, soalhos rachando ou incendiado-se quando as brasas das lareiras se espalharam, quando a fraca chama das velas de repente pegou fogo a panos que estavam perto, quando as chaminés de vidro dos candeeiros a petróleo explodiram estilhaçadas. Houve quem corresse para fora de casa, preferindo o dilúvio ao estostrar dos telhados. O último estertor fora o pior, e não faltou quem se preparasse para o fim do mundo.

Propensa a descortinar correspondências entre o ramerrão da sua vida e os portentos do *Testamento Antigo*, também Joana Correia de Castro se convenceu de que aquilo não era um dilúvio qualquer, era o Dilúvio a valer. Anos depois, sempre que eu insistia em voltar a ouvir o sucedido, tintim por tintim ou com variações mínimas, ainda os seus dons efabulativos conseguiam transmitir-me o pavor que sentira. Da mãe herdara minha mãe um gosto desmesurado pelas letras sagradas. O único livro que havia lá por casa, muito manuseado, era o *Breviário da Família e do Lar*, de dura capa escura que lhe dava um

ar de solenidade. Não me surpreendi por isso ao descobrir que Joana condimentava de reminiscências bíblicas as suas ousadas comparações da trovoada com comportas imaginárias e açudes escancarados que de súbito inundassem quintas e pomares em redor do farol da Roca e por aí fora, como se os longos abismos, como se os lagos submersos que armazenam as ardentes águas dos infernos inexplicavelmente tivessem crescido a ponto de rebentarem com as matrizes naturais, com as fontes e veios e nascentes cujo caudal se foi juntar à chuva que caía sem cessar.

Muitas vezes, hoje mesmo, os sonhos me trazem imagens da catástrofe. Sinto arrepios ao evocar as circunstâncias que precederam e que de certo modo pre-disseram o instante em que vi a luz do dia.

Sobre a hora do almoço desse dezanove de janeiro, o mar malhava contra os penhascos do Cabo, e a espuma chegava às janelas das casas dos faroleiros, que à cautela tinham ligado já um dos geradores e os compressores de ar das sereias, como alerta máximo. O pior viria lá para a tarde, quando as trevas antecipadas impediram de perceber a extensão das enxurradas. Na cerração da noite as bátegas batidas por rabanadas de vento arrancaram grandes

árvores que as levadas arrastavam contra as pontes de pedra, em pouco tempo destroçadas, arrasando então tudo à volta, currais e gado, carros e carroças. Até dois ou três velhos, levados na torrente, desapareceram sem deixar rasto. Os colossais tonéis de madeira da Adega Regional, apesar de bem cheios e bem arrumados, foram arremessados pelas águas contra os portões altos, os gonzos despregaram-se, os portões cederam, pipas e tonéis rolaram várzea fora, ficaram enterrados no areão da Praia das Maças no meio do entulho de troncos partidos, tábuas, terra da serra e lixarada.

Toda a noite o cavo ronco do rebentar das ondas abafara regularmente os avisos das sereias. As águas engrossadas derrubaram os muros de pedras sobrepostas entre courelas e hortas. Embora a maior parte dos cursos desmesurados fosse lançada no mar, alguns formaram represas e charcos que a luz esbranquiçada dos sinais do Farol vagamente iluminava. Meu pai fez nessa noite o seu quarto de quatro horas, mas de madrugada não se foi deitar, ficou à espera da torna da manhã. E, assim que começou a clarear, não viu razão para alterar o seu programa habitual. Em dias de folga costumava ir pescar;